

Documento de Registro de Entrevista para o site MHEPTCPS

Centro Paula Souza

**MEMÓRIAS E HISTÓRIA DA
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA**

Percurso Histórico

Programa de História Oral na Educação

com

Cristiano Pereira Tavares

Escola Técnica Estadual Orlando Quagliato

Santa Cruz do Rio Pardo/SP

2021

Ficha de cadastro

Tipo de entrevista: História oral de vida

Entrevistadora/Instituição: Janice Zilio Martins Pedroso da Etec Orlando Quagliato em Santa Cruz do Rio Pardo/SP

Levantamento de dados preliminares a entrevista: Janice Zilio Martins Pedroso

Elaboração do roteiro da pesquisa: Janice Zilio Martins Pedroso

Local da entrevista: Santa Cruz do Rio Pardo/SP (entrevistadora) e Ourinhos/SP (entrevistado) via Microsoft Teams

Data: 18 de setembro de 2021

Técnico de gravação: Cristiano Pereira Tavares

Duração: 56 minutos

Número de vídeos: 1 (um)

Transcritora: Janice Zilio Martins Pedroso

Número de páginas: 22

Sinopse da entrevista

A entrevista foi realizada no contexto do projeto “História Oral na Educação: de profissionais a empreendedores”, no dia 18 de setembro de 2021 com o ex-aluno do curso de Técnico em Agropecuária Integrado. Cristiano Pereira Tavares, que estudou na Etec Orlando Quagliato entre 1991 e 1993. É engenheiro agrônomo e atua na área de cana de açúcar há 27 anos. Atualmente é Supervisor de Qualidade Agrícola- Corporativo e Produção de Mudanças Pré-Brotadas (M.P.B), atuando em treinamento e capacitação de equipes no Grupo Usina Santa Terezinha (desde 06/20). Atuou como palestrante em vários eventos no Brasil e no exterior.

Transcrição da entrevista

Data da transcrição da entrevista: 15 de novembro a 2 de dezembro de 2021

Nome da transcritora: Janice Zilio Martins Pedroso

Janice Zilio Martins Pedroso (JZMP): Vamos lá. Ok. Boa tarde Cristiano!

Cristiano Pereira Tavares (CPT): Boa tarde!

JZMP: Tudo bem?

CPT: Eu tô bem, graças a Deus. E você?

JZMP: Tudo em paz, graças a Deus. Bom, nós já nos falamos um pouquinho aí né, e, meu nome é Janice Zilio Martins Pedroso, eu sou professora da Etec Orlando Quagliato, agradeço muito a sua disposição de estar aqui em pleno sábado a tarde, deixando seus afazeres de lado e me concedendo essa entrevista; hoje que é o dia 18 de setembro de 2021, aqui pela plataforma Microsoft Teams. E essa entrevista, ela vai para o Centro de Memórias da Etec Orlando Quagliato, em Santa Cruz do Rio Pardo, que será difundida no programa História Oral da Educação do Centro Paula Souza, site de memórias. Bom, então pra gente iniciar esse nosso bate-papo bem descontraído, eu vou pedir pra você iniciar contando um pouquinho sobre a sua história, contando um pouquinho pra gente como foi a sua origem familiar e social para essa entrevista de história oral de vida.

CPT: Tá bom, vamos lá! Bom, primeiramente é um prazer sempre grande a gente fazer parte de um projeto e um projeto de tamanha importância que é esse da Etec, que nos permite falar um pouco da nossa vida, da nossa geração e de tudo aquilo que a gente viveu uma vez quando aluno da Etec. Bom, meu nome é Cristiano Pereira Tavares, tenho 47 anos, sou casado, tenho 3 filhas das quais uma vai fazer 22 anos, a segunda faz 21 e uma caçula de 15 anos. Sou Engenheiro Agrônomo formado, fiz faculdade de Química também, fiz algumas especializações na área da cana de açúcar. Trabalho em cana de açúcar há 27 anos, desde formado como técnico, mas somando o todo, hoje estou com 34 anos de carteira de trabalho. Tudo isso vinculado desde o momento da formação. Moro da cidade de Ourinhos e sou natural da cidade de Jacarezinho, no estado do Paraná. Hoje eu trabalho num grupo de usina, chamado Grupo Cocal que é sediado aqui em Paraguaçu Paulista e

outra unidade em Narandiba também no estado de São Paulo no qual sou responsável como cargo de Supervisor de Qualidade de Operações Agrícola, corporativo das duas unidades e tenho em meu comando uma equipe bastante grande pra fazer toda área de qualidade, controle e resposta de resultados. E é um prazer mais uma vez fazer parte desse projeto e podemos dar início.

JZMP: Então tá bem. É você falou que você era de Jacarezinho, morava em Jacarezinho; então quando você estudou aqui na Etec, você morava em Jacarezinho?

CPT: Exatamente. Eu era de Jacarezinho, no primeiro ano, segundo eu mudei para Ourinhos, mas minha família toda é de Jacarezinho, e nós dividíamos as nossas caronas, nossas idas e vindas, com os amigos de Jacarezinho e depois nós tivemos uma grande parceria com ajuda de um ex-aluno nosso também. Aluno do nosso período, o Gustavo, através de ajuda da parte política de Ourinhos, a gente conseguiu um meio de transporte de ida na segunda e retorno na sexta-feira.

JZMP: Entendi. Então você ficava nos alojamentos da escola?

CPT: Nós ficávamos alojados aí. Nós morávamos em 4 alunos dentro da sala. Se eu falar nomes de pessoas, ninguém vai conhecer. Então, prefiro falar os apelidos, que eu tenho certeza, que é mais carinhoso! Então, meu apelido no Colégio Agrícola é liso, depois você vai entender os porquês. E morava o Jeck, o Rambo e o Bocão.

JZMP: Ok, então você dividia o quarto com a galera aí... (risos)

CPT: É. Dois era de Jacarezinho, um era de Itaporanga e eu daqui de Ourinhos.

JZMP: Tá certo! Você poderia nos contar no que que o Ensino Técnico, falando um pouquinho de todo esse seu processo de formação técnica, no que que ele contribuiu pra que você adquirisse as suas competências profissionais, essas habilidades gerenciais? Você disse que comanda um grupo grande de pessoas na empresa que você trabalha, então se você poderia contar um pouquinho pra gente o que que o técnico contribuiu para que você adquirisse essas competências profissionais.

CPT: Bom, primeiro quando eu escolhi ir para a Escola Agrícola; eu venho de uma família de 10 irmãos. Meu pai era motorista, minha mãe dona de casa, e uma família grande. Eu

sou o número 7 na família. E eu fui o único que... meus irmãos quiseram que eu estudasse fora. Quando eu decidi, quando eu optei, não foi opção da minha família, ninguém nem sabia, e um dia, conversando com alguns amigos a gente falava: - vamos para a Escola Agrícola? Vamos, porque a gente via os outros amigos mais velhos que haviam feito Escola Agrícola lá na escola, na Etec de São Manuel, e a gente via eles trabalhando, via eles adquirindo bens, então a gente acabava olhando com os olhos. Não! Também vou estudar porque eu acho que é importante. A gente era moleque, então a gente estava numa fase bastante assim de decisão. Então a gente resolveu ir para a escola agrícola do qual a gente foi muito bem recebido e vamos falar isso mais pra frente.

CPT: O Colégio Agrícola pra mim, foi um divisor de águas. Ele mostrou o lado... existe dois lados dentro de um local interno: o lado bom que é adquirir conhecimentos, aprender, estudar, se formar; infelizmente, como em qualquer lugar, dentro até dentro da própria igreja às vezes, tem o lado ruim; tem pessoas que te levam para caminhos totalmente tortuosos. Então você tem essas duas opções. Isso eu ouvi da boca de um professor. Então ele disse: “você tem dois caminhos pra seguir: - O do bem e o do mal. Só depende de vocês. Eu sei que vocês são pessoas simples, e de fato muitos que aí estão são pessoas simples, que querem vencer na vida, então, aproveita a idade que vocês têm, se divirta, estudem, divida as coisas, mas escolham sempre o lado certo. Estude, seja curioso.” E esse professor, eu tenho um carinho muito grande por ele, porque isso ficou guardado em mim, no meu coração e eu comecei a passar isso para os meus colegas também. Então nós éramos um grupo bem bacana, éramos irmãos mesmo e a Escola Agrícola foi esse divisor. Dê você escolher aquilo que é bom e pra mim foi. Eu até comento às vezes conversando com alguns, se eu pudesse voltar, viver mais 3 anos novamente com a mesma turma, eu voltaria e com os mesmos professores, sem dúvida. Eu voltaria porque foi um divisor de águas de fato; nos levou pra grandes mares aí e, da nossa equipe, da nossa turma, todos pelo que eu converso, a gente sempre está, todos estão muito bem graças a Deus. Eu acho que foi uma turma diferenciada.

JZMP: Bacana! Muito jóia! Bom, você já citou, você já falou sobre algum professor, embora não tenha citado o nome, creio que além dele você deve se recordar de outros professores que foram marcantes nessa sua formação técnica.

CPT: É, os professores em si, a gente não via eles como os professores, como mestre, como aqueles que quando gente tem aquela idade que tínhamos, a gente via o professor como o cara inteligentíssimo e tudo mais, então não chega perto de maneira alguma. A

gente tinha eles, como pai e mãe, como irmãos, como conselheiro, e, em 92 eu passei por uma situação muito particular. Perdi minha mãe. E, foi um momento muito difícil sabe! E quando eu voltei pra escola, os professores, eles me apoiaram tanto, mas tanto que, a visão que eu tinha deles no início, mudou totalmente. Pra melhor assim. Eu comecei a ver eles, então assim, eu me apeguei muito com eles, principalmente com elas. E, todas elas sempre muito carinhosas, muito objetiva, me ajudando, me dando conselhos, os alunos né, eu querendo abandonar a escola, porque como que eu ia me manter na escola... Eu não tinha condições financeiras; aliás, poucos tinham condições financeiras. E eu lembro que os alunos se reuniram e falaram: - Cristiano, não se preocupe em pagar mensalidade da nossa formatura. Nós vamos nos unir, nós vamos manter os seus pagamentos e, em troca disso você exerce os trabalhos pra nós, os trabalhos extras. A gente criava porcos, vendia rifas... eu acabava trabalhando assim, não que o dobro, mas eu trabalhava pra poder pagar tudo aquilo que eles faziam. Então, os próprios amigos, alunos daquele período, teve também essa sensibilidade. E sempre que podia eu pagava e, eles sabiam das minhas condições. Então, é, e os professores por sua vez, também tinham isso. Tinha uma que me trazia uma calça, outro me dava uma camisa; - eu não tinha vergonha de receber, porque eu sabia o quanto eu precisava daquilo, o quanto eu precisava do Colégio. Eu tinha objetivo e esse objetivo hoje eu alcancei e estou alcançando todos os dias.

CPT: Agora falar dos professores é algo que me emociona muito. Vamos pegar alguns professores. São tantos que ..., mas vamos pegar a Mazé por exemplo. A Mazé era uma mãezona! A Mazé era aquela pessoa que você queria abraçar! Sentir o calor de mãe sabe! Você queria estar perto dela! É, até pra brigar com a gente ela tinha um jeito de mãe pra brigar! A Cidinha, nossa a Cidinha, é uma pessoa que eu tenho um carinho, um respeito tão grande por ela, que se eu pudesse ficar com ela o dia todo, eu acho que a gente ficaria conversando, era uma conversa muito boa! Sempre dando conselho, sempre muito rígida, ela sempre foi muito dura, rígida, assim nas provas, as provas dela não eram fáceis; ela tinha um zelo pelas coisas que era da responsabilidade dela. A pocilga por exemplo, onde cria os porcos, onde tinha as aulas de postura.... era um cuidado muito grande! E ela sempre foi muito assim, muito mãe. Aquela mãe firme mesmo. Ela não dava o braço a torcer não! Mas, ela nos deixava em paz! Era uma bronca construtiva, vamos dizer assim, então eu tenho uma paixão por elas todas muito grande. A Terezinha Neide é aquela mãe que você quer que ela pegue você no colo. (risos) E ela brincava, falava, nossa se eu pudesse eu pegava, e a gente era tudo grandão. Então assim, a Terezinha Neide ela tinha um carisma, ela tem um carisma assim fenomenal com os alunos. Eu estou falando por mim na particularidade, mas com todos os alunos era do mesmo jeito. Não tinha preto,

branco, baixo, alto, rico, pobre, não, não tinha. Com elas todos eram iguais. Aí vem a Márcia. Ela chegou um pouco depois. Aquele jeitinho meigo, eu até pus um apelido nela na época. Eu tinha mania de pôr apelido em todo mundo. E um apelido muito carinhoso, e ela recebeu com muito grado. E até hoje a gente brinca muito e o último encontro nosso foi antes da pandemia. E lá elas estiveram! O trio esteve lá. A Leni, a Leni sempre teve aquele jeito de mãe que quer que você estude, quer que você se comporte e quer que você tenha fé. Ela sempre nos ensinou que a fé fazia com que a gente deixasse os problemas de lado e nos deixava forte. Tanto que quando tinha missa lá no bairro onde ela mora ou morava, nós íamos na missa. Elas organizavam missas no colégio pra que a gente pudesse participar. Encontros... quando tinha encontro lá na igreja, acho que a Matriz se não me engano lá em Santa Cruz, eu participava dos retiros. E quem me convidava pra ir era a dona Cidinha, uma senhora que cuidava da cozinha. E, acho que é Cidinha mesmo, uma magrinha. Não sei se ela ainda trabalha aí. Então, ela nos levava. A Leni liberava e ela levava a gente pra lá. Então a Leni sempre, o carinho e respeito que eu tenho pela Leni é isso. É esse jeito de mãe e quer que você esteja bem espiritualmente. E também não alisava não! Ela não alisava (risos). E foi bom para o nosso crescimento mesmo. Então falar das professoras, é um jeito muito carinhoso! A Silvia era aquela moça que chegou a pouco tempo, um pouco diferenciada, os moleques tinham um olhar diferente, e ela sempre dura, sempre exigente nas suas matérias, inclusive é uma pessoa que há muito tempo eu não vejo, a gente sempre comenta como é que tá a Silvia e a gente não tem muito contato com ela. Mas, eu creio que ela vai ouvir esse vídeo, com certeza, eu quero aqui deixar um grande beijo para cada uma delas. Falando do Scarpin, o Scarpin é o jeito Scarpin de ser! Chucro, chucrão, um baita de um professor, um paizão que criou muitos caboclos no mundo aí, tem muitos caboclos ... é, eles nos chamavam de caboclo, ei caboclo véio, e não sei o quê! E nos ensinava! Hoje o que eu conheço de gado, hoje não tem outra pessoa a não ser o Scarpin! Mochar, castrar, marcar, vacinar, enfim... ele tinha uma peculiaridade assim muito grande com relação à didática dele de ensino era diferenciada. Ele tinha um jeito, a gente aprendia muito mais com ele na prática como na sala de aula, então a gente tinha muita aula prática com ele. Ele lia tudo, ele fazia toda uma aula teórica e depois ele colocava isso na prática. Então a gente absorvia de uma tal forma que não tinha como esquecer. O Alemão era um professor que quando eu via ele, eu tinha medo dele. Aquele branquelão alto com aquela cara brava, e não sei o quê... quando começamos a ter aula com ele, um ser humano fantástico. Um carinho pelos alunos, um cuidado, mas um domínio forte também, ele não deixava a corda arrebentar não. Pra ele você tinha que tirar nota boa mesmo. Então ele tem esse diferencial. Na aula prática dele, na hora de regular uma plantadeira, contar as sementes por metro, ele era muito exigente. E a gente não esquece

essas aulas aí. O Reginaldo, na sua aula de topografia que ele nos dava, até hoje eu carrego isso na minha vida, inclusive eu estou para iniciar uma pós em georreferenciamento; eu estava comentando com um aluno e foi um aluno que se formou depois de nós, estamos aí pensando em montar alguma coisa e nós estávamos até falando dele, do Reginaldo. O Reginaldo ele não era aquele cara de ... ele é mais sério, pelo menos comigo eu via que ele era mais sério, mas era um professor que a gente respeitava muito. Nos ensinava assim... eu lembro de uma frase que ele falava assim: - “seja curioso, ouve mais e seja curioso, seja ousado, tenta fazer algo”. Então ele assim, ele meio que te provocava pra fazer algo diferenciado. Hoje, inclusive eu uso isso nas minhas palestras; esse termo dele: “seja curioso!” Não sei se ele vai lembrar disso. Mas, como são muitos alunos, então cada um guarda algo especial. E eu guardo isso dele. Eu guardo isso do Reginaldo aí. Nós tínhamos um professor, o Marcelo, professor nosso de educação física, que quando ele chegava, todo aquele estresse que nós havíamos passado durante a semana, no momento da Educação Física, você gastava toda a energia. O Marcelo, se ele estiver ouvindo, eu peço desculpa, mas ele tinha uma Brasília branca e, a Brasília dele não tinha o assoalho sabe? E nós falávamos que era o carro dos Flinston (risos) e quando ele despercebia, ele ficava lá no meio do jogo, nós pegávamos esse carro e saía dar umas voltas, em volta das plantações aí. Mal ele via isso. Então assim, são coisas que a gente fazia que nos alegrava muito. Os professores, e eles... quando a gente falava assim: nossa eu tô ferrado! Não! Eles ... uma paciência, por isso que eu digo: se eu pudesse voltar eu voltava. É algo assim que... e tem mais professores. Tem uma outra moça, eu não lembro o nome dela agora, a gente até apelidou.... vamos pular essa parte. Enfim, e não posso esquecer, é claro, tinha um senhor aí, o seu Toninho, o finado seu Toninho, ele era responsável da biblioteca. Seu Toninho era nosso diretor de teatro. Nós montamos um grupo teatral, não sei se você soube disso; nós tínhamos um grupo de teatro, onde as professoras que eu citei, nós pegamos o ônibus da escola, montamos todo um teatro, fizemos várias peças, e nós íamos apresentar essas peças nas escolas de Bernardino, acho que nós fomos em Óleo, se não me engano; Manduri nós chegamos a ir. Nós fomos em Caporanga, Espírito Santo do Turvo, Santa Cruz do Rio Pardo. Nós montávamos teatro que era sucesso.

JZMP: Olha que bacana!

CPT: É, e não tinha uma viagem que a gente não cantava o “menino da porteira” e Chico mineiro. Isso era... são duas canções que recorta muito o Colégio Agrícola. E todos os professores cantavam. Ele era nosso diretor. E dona Cidinha, ela nos arrumava. Cada uma

delas fazia algo pra gente ficar, e sem dizer da festa junina, que nós nos vestíamos de mulher e era uma festa só. Fantástico! Era tudo de bom, era... eu acho que, eu peço perdão se esqueci de algum dos professores né, mas tem uma pessoa em particular que nós não podemos deixar de lembrar, né, que é o Mário. O Mário era aquele pai, irmão, colega, amigo que a toda hora. Estava ajudando todo mundo, cuidava das nossas finanças, cuidava da nossa parte de vendas da nossa formatura, cuidava de cada um. Quando algum passava mal ou ficava doente, ele que de madrugada acordava, chamava auxílio às vezes da polícia rodoviária pra nos levar até o hospital. Uma vez eu travei o meu maxilar dormindo, abri a boca, travou e tive que ser levado para o hospital, mas deu tudo bem; um amigo nosso passou mal também, então, sempre tinha aquela ocorrência fora de hora que o Mário sempre estava ali. Tanto ele, quanto o seu João, a dona Tereza, que eram os caseiros aí que também ajudavam a cuidar da gente. Então nós tínhamos aí pessoas que ficavam de dia e de noite cuidando da gente. O seu João e a dona Tereza, eram duas pessoas que quando eles chamavam você lá no teu quarto, era alguma coisa, ruim que tinha acontecido; porque o telefone só tinha na casa deles. E, quando alguém ligava lá, aí subia e falava: “Nossa! O que que eles vão trazer de ruim agora... “; porque sempre infelizmente, eram notícias não muito boas mas, a dona Tereza e o seu João, eles fazem parte da nossa criação, da nossa formação, de pré-adolescentes para adolescente e jovem, então essas pessoas são muito importantes para nós. E é claro, os funcionários. Tinha a dona Cidinha, a dona Cida, que fazia os nossos almoços, janta, os nossos cafés da manhã. Tinha o seu Hélio que era o padeiro nosso aí. Tinha o seu Vicente, acho que nós apelidamos ele de elefante, alguma coisa assim, enfim. Tinha acho que o seu Luiz que trabalhava. Então tinha os funcionários que também fez parte da nossa formação. Então seria isso.

JZMP: Tá certo. Ai que legal lembrar dessas pessoas com carinho né! De tudo isso que você passou por lá! Que cada um com seu jeitinho, cada um com sua maneira de lidar, contribuiu para sua formação né Cristiano.

CPT: Com certeza, com certeza, minha e dos colegas.

JZMP: Com certeza! É, hoje você exerce na empresa, você atua como Engenheiro Agrônomo?

CPT: Sou engenheiro agrônomo.

JZMP: Tá. E antes, você terminou o Colégio Agrícola e você fez faculdade? Como é que foi? Conte um pouquinho esse momento.

CPT: Não, quando eu me formei na Escola Agrícola, eu não tinha mãe e meus irmãos, a maioria já estava casado; era eu e mais dois irmãos, então já saí do Colégio, já saí empregado. Foi assim, saí tipo dezembro, em janeiro eu estava trabalhando. Já comecei a trabalhar como técnico logo de cara. Comecei a fazer alguns estágios no início e acabei firmando. E não parei mais. Como técnico, eu trabalhei até 2000 ou 2002 se eu não me engano. Aí, fui fazer a faculdade, faculdade de Biologia na época; aí tive que trancar, por fim depois eu acabei me formando na faculdade de Química; fiz química é, e passado logo na sequência eu fiz agronomia. Mas assim, o que mais me pôs dentro do cenário do trabalho, foi a Escola Agrícola. Por isso que eu falo: foi um divisor de águas. Então você já era visto diferente, você era respeitado, diferente dos demais, então, tinha essa separação. Então isso aí foi, foi, tudo o que eu tenho hoje, tudo o que eu sou hoje, partiu da Escola Agrícola. E eu falo com muito carinho e tem um sobrinho meu que está fazendo Escola Agrícola, tem um outro sobrinho que fez Escola Agrícola, fez Agronomia, hoje ele está nos Estados Unidos. Tudo influência minha. Assim, ninguém obriga, mas você explica, orienta, e eles falam: eu sou isso devido ao meu tio. Isso tudo é oriundo do que eu vivi na Escola Agrícola de Santa Cruz do Rio Pardo.

JZMP: Tá certo. É então conte pra gente um pouquinho hoje é, as atividades que você exerce nessa empresa que você atua como engenheiro.

CPT: Bom, eu passei por vários setores dentro do conceito de cana-de-açúcar. Eu já fui responsável de ..., depois eu me especializei em laboratório de controle biológico, eu fiz especialização em Fitopatologia. Pra poder trabalhar dentro da empresa você tem que ter esse curso; em Entomologia também, principalmente pragas. A cana-de-açúcar como qualquer cultura tem muita praga. Trabalhei muito tempo. A gente vai passando por fases né, trabalhei muito tempo na área de planejamento. Todo planejamento da empresa da área agrícola, planejamento e pesquisa e pesquisa agrônômica tal. E, com o passar do tempo você vai galgando novas fases, onde disso tudo que eu falei, envolve preparo, plantio, planejamento da colheita, planejamento da entressafra; e hoje tudo isso que eu adquiri ao longo desse tempo, se resume ou faz parte da área que eu atuo hoje como responsável da qualidade da produção agrícola, ou seja, eu tenho, são dez equipes que nós temos, que acompanha todo processo de qualidade. O que que é isso? É quando está preparando o solo, a equipe vai verificar se o preparo está tendo a conformidade, o plantio,

a colheita, os tratos, enfim, todo processo dentro da agrícola. A gente tem que garantir que no final vai virar açúcar, etanol e energia. Dentro da usina eu passei praticamente em todos os processos. Você acaba tendo que passar até para se desenvolver como profissional. Isso graças a curiosidade de querer ser ousado. Essa é a palavra.

JZMP: A ousadia!

CPT: Ousadia!

JZMP: Exato! E por essa ousadia, você me contou que você tem uma empresa que presta serviço. Além de trabalhar nessa empresa, você tem uma empresa própria.

CPT: Eu criei uma empresa chamada Tavares Consultoria, onde qualquer fornecedor ou até a usina precisar de algum trabalho, alguma consultoria técnica, eu faço esse trabalho. Treinamento, capacitação de colaboradores, gerencial que seja, e, agora estou galgando o projeto aí que por enquanto está ainda só no papel, mas essa empresa é justamente pra isso. Então, nos finais de semana ou num momento assim, numa conversa on-line a gente vai fazendo algumas tratativas e vai ajudando o setor.

JZMP: Tá certo! E você considera que deveria ter sido oferecido alguma coisa, algum conteúdo a mais, alguma experiência a mais, que faltou nessa sua fase de aprendizagem lá na Escola Agrícola para que você vivenciasse essa experiência como empreendedor hoje?

CPT: Eu, bom eu não consigo enxergar isso porque tudo aquilo que foi oferecido naquele momento; porque tudo é momento, por exemplo: se você for falar hoje de topografia, mudou totalmente. É, enfim o que foi ensinado, o que foi proposto, o que o estado nos ofereceu como ferramenta, como capacitação, eu trago até hoje na minha vida. Por exemplo, voltando à topografia. Se você for fazer um trabalho hoje, e você não tiver a parte financeira para comprar novos equipamentos que hoje tem no mercado, você vai no velho teodolito e faz o mesmo trabalho. É mais dificultoso? É! Mas faz. Então a gente não pode refazer a criação da roda. Temos que melhorar ela. Então, a capacitação que o Colégio Agrícola nos ofereceu naquela época, até hoje a gente trás. Hoje mesmo eu estava mexendo no meu carro; mexendo no motor do carro. São coisas que eu aprendi no Colégio Agrícola. Eu vou fazer às vezes qualquer puxadinho em algum lugar, eu uso coisas que eu aprendi na Escola Agrícola. Não pego nada da faculdade. E quando se compara, eu vou

falar por mim, não posso falar pelos outros, quando a gente compara turma de Colégio Agrícola versus turma de faculdade, eu falo que você tem mais amigos no Colégio Agrícola do que na própria faculdade. Porque no Colégio Agrícola você tem pessoas do mesmo nível, nas mesmas dificuldades. Pega os meninos de Jacarezinho; compara por exemplo com os meninos lá de Cianorte; o cara saía de Cianorte para vir estudar em Santa Cruz do Rio Pardo! Quando você vem de Cianorte pra cá, você vê vários Colégios Agrícola, inclusive aqui perto em Santa Mariana. Aí você vê, não, mas foi estudar em Santa Cruz do Rio Pardo. Por quê? Porque os irmãos estudaram, os tios estudaram; então acaba criando vínculo familiar. Então hoje quando você me fala o que a Etec teria que oferecer, eu acho que o que ela ofereceu foi tudo isso que a gente aproveita hoje. E quem está chegando precisa fazer o melhor para aproveitar o máximo! E cada momento, tem que aproveitar aquele momento. E a gente aproveitou com certeza!

JZMP: Com certeza! Assim, quando você foi pro Colégio Agrícola, você passou esse tempo estudando por lá, assim, você falou que ele foi o divisor de águas na sua vida. Você não teve dúvidas em nenhum momento que você queria seguir essa área.

CPT: Não! Era isso aí. Era isso que eu queria. Tanto que eu como dou bastante palestras também; agora com a pandemia parou; mas eu dou muita palestra de treinamento, de capacitação, eu até comentei com você no particular. E eu lembro que quando eu fui fazer uma palestra no México, lá não tem negócio de Colégio Agrícola. Até onde eu sei, lá não tem. Aí me perguntaram e você tem que falar sobre sua carreira, e eu falei sobre o Colégio Agrícola. Falei a cidade e tal e tudo mais, e depois, depois que acabou a reunião, eles me perguntaram: o que que é aquilo que você falou que a gente não entendeu? É um programa do governo? O que que é? Não, não é um programa do governo. Do governo em si. Um programa que eventual pode parar. É uma instituição de ensino do governo que faz isso, isso e isso; e fui explicando. Nossa que legal e tal. Lá eles tem um modelo diferente. Então assim, no Colégio Agrícola a gente leva isso. Não tem jeito. É uma coisa que está no sangue mesmo. A gente fala, quando a gente se identifica, ah esse aí foi agricolino! Esse é o nome que se dá pra quem é da Escola Agrícola. Agricolino! E não tem jeito! Você não tira.

JZMP: E é até hoje!

CPT: Até hoje! Não pode morrer. Tem que continuar porque é uma tradição. Isso faz parte da história.

JZMP: Exatamente! Algum familiar seu estimulou você a estar agora nesse ramo como empresário? Teve algum estímulo?

CPT: Não! Recebi apoio, mas depois que eu falei que eu já estava fazendo.

JZMP: Certo! Agora conte-nos um pouquinho como foi esse processo de você tomar essa decisão. Falar assim: não já estou trabalhando, estou na empresa há tanto tempo, eu já tive toda essa bagagem, toda essa experiência profissional; agora é o momento de empreender em algo próprio, em algo pra mim. É o momento de partir pra essa área de empreender mesmo.

CPT: Na verdade, a gente passa por tantas dificuldades assim dentro do Colégio Agrícola, como eu citei anteriormente, que você começa a contornar o problema e transformar aquele problema em uma solução. Então, o que que aconteceu? Quando eu fiquei desempregado na empresa que eu trabalhava, eu fiquei sem chão. Meu Deus e agora, vou fazer o que? E sempre alguém estava me ligando. Aí um dia eu falei: caramba! Ao invés de eu ficar falando por que que eu não começo vender aquilo que eu sei? Foi onde surgiu a ideia de eu abrir uma empresa de consultoria. Aí eu fiz uma parceria com uma multinacional, e comecei a dar consultoria em um grupo numa multinacional chamada Biosev, um grupo de usinas, e quando eu estava fechando uma outra parceria, a pandemia chegou. Mas, mesmo assim eu consegui com a consultoria, ainda no início da pandemia, março, abril, até junho, eu consegui ir levando ela. Foi quando o negócio focou de uma tal forma que nós éramos proibidos de visitar qualquer empresa, as empresas não te recebiam. Então a ideia de criar a consultoria naquele momento foi devido à dificuldade que eu vivi naquele momento. Eu sabia que eu podia mais. E foi onde que eu fui ousado! E tem dado certo. Graças a Deus tem dado certo! A pandemia chegou, eu achei por bem, falei: - não, eu não posso ficar esperando. Aí voltei para o âmbito de trabalho novamente. Então, hoje eu tenho o trabalho, e tenho a consultoria para os finais de semana. E agora, estou em conversa ainda com uma faculdade, estou querendo começar a lecionar à noite na Agronomia, também. Nós já estamos conversando aí, já estamos dando alguns passos, vamos ver o que Deus nos prepara daqui pra frente. Mas é...eu gosto muito de ensinar. Gosto muito de passar às pessoas aquilo que eu aprendi. Porque o Colégio Agrícola nos ensinou a ser assim; a ensinar aquilo que você sabe. Porque se você for dessa vida para a outra, você vai levar isso pra você. O conhecimento é nosso. Ninguém vai tirar de você, mas você pode passar para os outros. Então, eu tenho muito desejo de fazer isso, e até

também para eu me espelhar nos meus professores, que passaram na minha vida, as pessoas que fazem parte do que eu sou hoje. Acho que seria isso.

JZMP: Tá certo! Bom, você já na nossa conversa, você já colocou várias características. Qualidades pessoais marcantes que você tem. Mas, eu queria que você comentasse um pouquinho sobre essas qualidades pessoais que você acredita, que você tem e que levaram você a ser tornar essa pessoa, agora como empreendedor mesmo. O que que te levou a ser empreendedor?

CPT: Então, como eu disse agora a pouco, a necessidade. Ela te provoca e faz você, ou você muda ou você afunda, não tem jeito. Eu penso que o que faz você ser uma pessoa melhor como pessoa e como profissional é a capacidade de você enxergar no outro aquilo que você gostaria que fizesse com você, então isso abre as portas; a educação, o respeito pelas pessoas isso abre várias portas. Desde quando eu sai do Colégio eu nunca passei necessidade com relação a trabalho, sempre saia de um e já tinha outro com as portas abertas. Eu não vou falar que é sorte porque sorte para mim não existe, existe competência e principalmente a benção de Deus na nossa vida. Então é, mas continuando a tua pergunta, eu acho que se você tiver conhecimento técnico, conhecer a prática, ter vivido a prática, porque muitas vezes você sai de uma faculdade de Agronomia, só que o cara nunca, tem sítio tem fazenda mas nunca colocou um palanque no chão, nunca roçou uma roça, nunca carpiu uma beira de cerca. Então, quando você vive isso, o que nós vivemos no Colégio Agrícola, fica mais fácil de você ensinar, fica mais fácil você exigir, cobrar; então você tem que ter conhecimento técnico, conhecer a prática, viver a prática e ter a capacidade e o domínio de ensinar. Fazer com que a pessoa te entenda. De uma forma fácil. E isso eu acho que é o que tem aberto várias oportunidades de trabalho, oportunidades de crescimento na minha vida. Eu resumo nisso. Simplesmente.

JZMP: Tá certo! Então agora assim, já partindo pra finalização desse nosso bate papo, eu queria que você comentasse um pouquinho como que você vê essa questão das relações sociais, as relações políticas, como é que elas contribuem para você desenvolver o seu sucesso, o seu empreendedorismo.

CPT: Bom, a sociedade ela está muito dividida. Existe uma sociedade que quer ver o crescimento do país, tem aquelas que enxergam o crescimento, mas parece que torce contra. É, os governos fazem aquilo que eles entendem que é certo, nós como brasileiros, nós temos que ser atuantes e cobrar mais, e se a gente ficar muito preocupado em que o

governo vai fazer, a gente começa meio que cair no modismo. Ah não fiz porque o governo ... não fiz porque o presidente não sei o que ... a gente fica começando achar muleta. E volta, quando eu estava no Colégio Agrícola, a gente passou por vários momentos de mudança de governo e tudo mais. Mas, o Colégio Agrícola sempre se manteve naquela postura que é até hoje. Porque quem faz o nosso país melhor, quem faz as pessoas melhores, somos nós, pessoas.

CPT: Eu costumo dizer aqui dentro de casa. O professor, ele não tem obrigação de educar o seu filho e nem obrigação de exigir algo de seu filho. O papel dele é fazer com que você adquira conhecimento. Ele te dá conhecimento. Ele te dá assim umas palmadinhas, que eu acho que hoje está faltando nas escolas de hoje; na minha época a gente levava até reguada na cabeça; que exigia esse respeito com os professores. Hoje não tem. Então a sociedade, às vezes ela acha que sempre o outro tem que fazer por mim. Não, cada um tem que fazer o seu. E no Colégio Agrícola, não era diferente! As professoras eram preocupadas, são preocupadas até hoje com a sociedade, com o que você faz, com o que você se envolve, de alguma forma, a professora, o professor desta instituição ela tem que além de ser professor ser pai, mãe e psicólogo. Então, a sociedade somos todos nós. Cada um ajudando a fazer sua parte e ajudando o outro. Se for para atrapalhar, não precisa ter. E o governo, tem que fazer o papel dele, que é governar de uma forma que não atrapalhe a sociedade e que ajude. Só que hoje no nosso sistema infelizmente, está muito corrompido. Então cabe a nós, nas eleições, os meninos mais novos agora, pensar um pouco mais, pensar assim, o que que eu quero de melhor para os meus filhos, para os meus netos e... está na nossa mão. Eu não sou muito bom em falar de política. Eu gosto mais de viver o dia a dia. Se você ficar pensando na política, ah porque tá caro, porque ... é culpa disso, não. Vamos fazer a nossa parte! Eu acho que é isso.

JZMP: É isso mesmo. Bacana! Deixo a palavra aberta pra você Cristiano. Se você quiser fazer mais alguma consideração, se você lembrou de mais alguma coisa que você queira retomar, colocar mais alguma lembrança... (risos)

CPT: Eu não posso deixar de citar mais uma vez o nome dos professores que fizeram parte de nossa vida e é claro, dos alunos. Os alunos são muito importantes dentro do processo que se não tiver colégio, não tem formação. Se não tiver aluno, não tem colégio. Um depende do outro. E se tiver colégio ruim, o governo fecha, como fechou muitos. E o Colégio Agrícola de Santa Cruz do Rio Pardo, vamos falar a Etec, ela é vencedora porque com todo esse tempo, 50 anos né?

JZMP: Cinquentenário.

CPT: Cinquentenário, tá firme e forte formando grandes profissionais e olha que são muitos profissionais. Muitos profissionais. Eu tenho certeza que vocês tem ideia disso. Então assim: eu não posso deixar de falar dos diretores que aí passaram e eu até anotei aqui, o próprio Altamiro, a Terezinha Neide, a dona Maria Aparecida que foi ela que me recebeu no dia que eu cheguei aí; eu fui com meu pai; e no dia que eu cheguei com meu pai aí, essa história é engraçada... já estava tendo Vestibulinho. Estava acabando eu acho. E, nós fomos até de carona com um amigo nosso que nos levou; o carro quebrou no meio do caminho, era um fusca, enfim é uma história meio doida. Chegamos no colégio, eu sentei. Eu lembro como se fosse hoje. Eu sentei ali na ... tinha um banquinho logo quando você entra na ... quando você passa pela caixa d'água e vai para a secretaria, aquela primeira sala era uma enfermagem, era uma enfermaria. Tinha um banquinho ali. Eu sentei e chorei muito porque os alunos já estavam indo embora. E a dona Maria viu aquilo, me chamou, chamou meu pai, meu pai explicou... e ela, ah, mas é procedimento e tal e explicou: é uma regra! E, não que ela quebrou a regra, eu acho que ela enxergou ali uma ... eu acho que ela agiu com o coração naquele momento. Se fosse com a razão e teria mandado a gente embora. E ela falou: não, eu vou pedir para aplicar uma prova a você! E, nisso chegou mais dois atrasados. Um de Manduri e o outro eu não lembro de onde era. Aí foi melhor ainda porque não tinha como falar que ... Então, entrou nós três lá, ela colocou na sala dela, a sala dela ficava no fundo e lá foi aplicada a prova pra gente. Então, eu também deixo aqui o meu agradecimento. A Elisabete Pereira, que a gente chamava ela de Margô; que o nome dela é Margarida e, falar então dos professores aqui, eu vou citar então cada um deles e é com muito carinho que eu digo isso, vocês fazem parte da minha vida, da vida de meus colegas de época, da turma de 93, então: o José Carlos Renóbio, o Scarpin, o João Luiz, o Altamiro (Altamirinho), a dona Leni, o Beleze (Luís Alberto Beleze), o Beleze ele quando ia fazer as orações dele, falar nisso, ele que nos ensinou a ser, a participar da renovação carismática católica, a ser mais católico, vamos pensar assim... então quando ele ia fazer a oração dele, ele tinha costume de ficar chutando pra trás, calcanhar na parede. Quebrava toda a parede e, o Beleze a gente tem um carinho muito grande por ele. Até esses dias a gente estava falando dele. A Regina Martelozo, a Cidinha Basto, a Mazé, a Maria de Lurdes também, o Marcelo nosso professor, a Márcia Becker (sobrenome chique Becker), a Neusa Morbi, o Reginaldo Borges (grande amigo), a Terezinha Neide que eu quero dar um abraço gostoso nela e a Silvia Borges. E é claro não posso deixar de falar dos nossos alunos, dos meus amigos aí. Eu vou falar o nome, não vou falar apelido dessa vez não. (risos) O Adriano Martins dos Santos, o Almir, o Charles, o Cícero, o

Claudenir, o Cláudio, o Cléber, eu né Cristiano, o Kemp (Edvaldo Kemp), o Édson, o Edilson, o Eduardo, Endrigo, o Fernando Sene, o Fernando Costa, Gilmar (grande amigo de infância), o Gilmar ele ... a gente se conhece desde quando a gente nasceu: fez o prezinho junto e depois foi fazer escola agrícola junto. Gilmar também morou comigo do primeiro até o último ano. O Gustavo (pessoa que eu citei no início), o Henrique, Humberto (Humberto era um holandês lá de Holambra), o José Reginaldo Barbosa que é daí de Santa Cruz, o Laerte, o Lázaro (morou comigo também os três anos), o Leandro que é um grande amigo nosso (Leandro Gasperoto), Lourimar, Luciano Almeida também. Eu, o Gilmar e ele nascemos na mesma usina, fomos criados lá em Jacarezinho e, mesma história, fizemos escola agrícola tudo junto. O Marcos Adilson (esse eu vou ter que falar o apelido, vulgo jarrão). Ele é de Manduri. Amigão nosso. O Paulo César, o Marco Antônio, o Paulo Roberto, o Reginaldo, o Roberto Carlos, esse também a Mazé, o pessoal conhece muito a Cidinha (vulgo Chupin, amigão nosso aqui de Ourinhos). Ele é professor hoje. É, o Rodrigo, o Roberto e o Vandir Rocha. Esses são os alunos na qual eu tenho um grande carinho e um grande respeito, amor por cada um deles como irmão mesmo, não como ex-aluno, como irmão. E, nas minhas orações, eles e os professores sempre estão aí porque fazem parte da minha vida, fazem parte do que eu sou hoje e guardo com muito carinho todos eles.

JZMP: Agora mata minha curiosidade: por que seu apelido era liso? (risos)

CPT: Vamos lá. (risos) Segundo eles, toda vez que acontecia algo de errado eu estava sempre envolvido. Só que nunca sobrava pra mim. Eu sempre dava uma deslizada, eu sempre escapava. Aí o pessoal falava: rapaz você é liso demais! (risos) Então eu sempre conseguia me espacar, escapulia vamos pensar assim. Aí, pegou esse apelido e aí não saiu mais.

JZMP: (risos) Legal!

CPT: É, muito legal! E, é claro, como eu falei os nomes deles, mas eu acho que vou tomar a liberdade, se você me permitir... eu vou falar o apelido daqueles que eu lembrar. Alguns talvez tinha apelido, mas a gente acabava não tratando. Mas ó, nós tivemos na nossa turma bolinha, tivemos o Charles zoiúdo, tivemos o pacato, esse aqui não tinha, tivemos o morto, tivemos ... esse aqui era chamado de bizorrão, bizorro não sei por quê. Tínhamos o liso, o Eduardo Kemp a gente chamava de Kemp mesmo, é tínhamos com o apelido de poder, tínhamos o que chamávamos de balaio, cenoura, é ralf não, alf, o alf, tínhamos o ..., esse aqui não, esse aqui pula, o bocão, o Gustavo (acho que a gente não chamava ele

de apelido), chamava de gugu, alguma coisa assim, nós tínhamos o holandês, o jamanta que é de Santa Cruz do Rio Pardo, Laerte zoiúdo, tinha o rambo, tinha o beicho, o barata, o jack, o jarrão, o ... esse aqui acho que já faleceu, Marcos Antonio infelizmente. É, tinha o tibúrcio, tínhamos também o chaveirinho, esse aqui não lembro quem que é. Tinha o chupin, o balaio acho que eu já falei e o vaca.

JZMP: Pronto! (risos) Que bacana! Isso aí é, eu falo que é uma outra coisa da escola. Como tem o nome lá. Os agricolinos e os apelidos. Até um fato muito curioso que eu conversei com a dona Cidinha, que eu me lembro das vezes que eu frequentei a escola agrícola quando criança, eu frequentei. Não lembro o porquê que eu frequentei, não tenho essa lembrança. Mas, eu lembro que nas formaturas ela fazia a última chamada.

CPT: Comigo também.

JZMP: Gente, ela recordou com muito carinho de tudo isso, quando eu a entrevistei. Então foi um momento muito bacana.

CPT: A Cidinha era, é uma pessoa fantástica. Todas elas aí. E cada uma delas, se você conversar sobre a minha pessoa, cada um vai lembrar de algo e depois vai te falar.

JZMP: Tá certo, então tá jóia. Cristiano, mais uma vez eu te agradeço imensamente por parar as suas atividades, poder fazer esse bate papo descontraído, esse momento gostoso de relembrar tudo isso que você vivenciou e trazer pra gente um pouquinho dessa experiência, desse divisor de águas como você disse na sua vida. Esse momento que você estudou no Colégio Agrícola de Santa Cruz, então é um Cristiano antes e um Cristiano depois.

CPT: Exatamente. É isso aí. Acho que se resume exatamente nisso e, cara, obrigado mesmo, obrigado por ter se lembrado de mim, por eu estar representando a minha turma. É um privilégio muito grande! Entre tantos, você ser escolhido! Espero que eu tenha sido o mais transparente possível. Esse é o meu jeito, esse é o Cristiano que vocês acabaram de conhecer. E eu penso que não devo ter mudado muito em relação ao meu comportamento. Eu sou assim e peço a Deus para que me mantenha sempre dessa forma. E eu quero agradecer em nome de todos os alunos, de todos os professores, de todos aqueles que fizeram e fazem parte ainda do Colégio Agrícola, que fizeram parte da minha vida, muito obrigado mesmo. Que esse projeto crie várias aplicações, possa trazer outras

peças de outros anos para estar falando, dando testemunho, porque se nós ficarmos conversando sobre o Colégio Agrícola, nós vamos levar horas e dias porque na minha vida é uma particularidade infinita. Eu contei no início. Então assim, é um prazer muito grande novamente. Muito feliz mesmo, nossa eu tô numa alegria que vocês não têm ideia. Esse final de semana para mim já valeu.

JZMP: Ah, que gostoso! Muito bom.

CPT: E eu espero ainda poder me fazer presente aí no colégio, poder de repente dar uma palestra para os meninos, conversar, falar um pouco sobre a importância do colégio na vida de cada um deles no futuro aí.

JZMP: É isso aí. Nossa escola sempre estará de portas abertas pra você, para os seus colegas, para todos que quiserem retornar, lembrar esses momentos que foram muito agradáveis e muito satisfatório para cada um de vocês.

CPT: Com certeza!

JZMP: Nossa escola sempre estará aberta e você já tem o convite de antemão pra vir palestrar pra essa galera que está aí estudando esse ano, ano que vem, passando o momento a gente volta a se falar.

CPT: Muito obrigado. Em nome da minha família, em nome de todos! Obrigado.

JZMP: Eu que agradeço. Obrigada!

Descritores

História oral na educação

Empreendedorismo

Cristiano Pereira Tavares

Janice Zilio Martins Pedroso

Técnico em Agropecuária

Colégio Agrícola

Agricolino

Etec Orlando Quagliato

Grupo de Teatro

Engenheiro Agrônomo

Química

Maria Aparecida Basto Rossi

Leni de Fátima Dario Oliveira

Pocilga

Alojamentos escolar

Tavares Consultoria

Supervisor de Qualidade de Operações Agrícolas

Usina de açúcar e álcool

Grupo Cocal

José Carlos Renóbio

João Luiz

Luis Alberto Beleze

Regina Martelozo

Márcia Becker

Neusa Morbi

Reginaldo Borges

Terezinha Neide

Silvia Borges

Dados Bibliográficos do Entrevistado



Cristiano Pereira Tavares- Nasceu em Jacarezinho (PR), em 07 de abril de 1974. Fez o Ensino Fundamental no Colégio Estadual Usina Jacarezinho, o Ensino Técnico em Agropecuária Integrado ao Médio na ETEC Orlando Quagliato (1991-1993), o Ensino Superior em Química na Faculdade de Química em Lins (Salesiano) (2010) e Engenharia

Agrônoma na Universidade do Norte do Paraná (2020), Pós- Graduação em MBA em Agronegócio (2020). Foi Encarregado de Fitossanidade e Variedades na Usina Jacarezinho (PR) (02/94 à 03/01) e na Usina Santo Antônio S.A – Sertãozinho/SP (04/01 à 11/04), Coordenador de Tratos Culturais em Fertirrigação e Cultivo na Usina Caeté S. A. – Unidade Volta Grande/Delta – Conceição das Alagoas (MG) (03/05 à 08/06), Coordenador de Pesquisa e Desenvolvimento Agrônoma na Usina Batatais S. A. – Unidade Lins – Lins (SP) (08/06 à 10/11), na Usina Adecoagro. – Unidade Angélica e Ivinhema – Ivinhema (MS) (11/11 a 05/13) e na Usina Ferrari S. A. – Pirassununga (SP) (05/13 a 08/18); Pesquisador e Desenvolvedor de Produtos (Atrium e UPT) na UPL (08/18 a 12/18); Supervisor Produção Agrícola (Planej./Prep./Plantio/Tratos/ Pesquisa e Desenvolvimento Agrônoma) na Usina Dacalda– Jacarezinho (PR) (12/18 a 06/19); Consultor Técnico de Pesquisa e Desenvolvimento de Produtos e Produção de Mudanças Pré-Brotadas (M.P.B), treinamento e capacitação de equipes na Tavares Consultoria - Sugarcane (06/19 a 06/20). Atualmente é Supervisor de Qualidade Agrícola- Corporativo e Produção de Mudanças Pré-Brotadas (M.P.B), atuando em treinamento e capacitação de equipes no Grupo Usina Santa Terezinha (desde 06/20). Palestrante no 11º Congresso Nacional de Biotecnologia – UDOP e no Congresso Atalac Tecnocafé – América Latina e Caribe, Vera Cruz-México. Palestrante para fornecedores de cana da CANACAP em Capivari-SP, da CANACAMPO em Campo Florido-MG e da da ASFORAMA em Iturama –MG. Proferiu palestras para Alunos do Curso de Técnico de Açúcar e Álcool na UNIP em Lins-SP e para Alunos do Curso de Engenharia Agrônoma na UENP Bandeirantes-Pr

Dados Bibliográficos da Entrevistadora



Janice Zilio Martins Pedroso - Nascida em Santa Cruz do Rio Pardo, em 04 de junho de 1974. Fez o Ensino Fundamental na EEPG “Sinharinha Camarinha” e o Ensino Médio na EESG “Leônidas do Amaral Vieira” (1990 a 1992). Graduação em Análise de Sistemas na Universidade do Sagrado Coração (1993 a 1996). Licenciatura em Processamento de Dados na Faculdade de Tecnologia de São Paulo (1998). Especialização Latu Sensu em Informática em Educação- Universidade Federal de Lavras (1999 a 2000). Licenciatura Plena em Matemática na Universidade Bandeirantes de São Paulo (2000). Licenciatura Plena em Pedagogia- Faculdade de Pinhais (2008 a 2011). Especialização Latu Sensu em Docência e Pesquisa para o Ensino Superior- Universidade Metropolitana de Santos (2017 a 2018) e Especialização Latu Sensu em Metodologia do Ensino de Matemática Faculdades Metropolitanas de São Paulo (2019 a 2020). Desde 1997, é professora na Etec Prof. Pedro Leme Brisolla Sobrinho e na Etec Orlando Quagliato. Foi Instrutora de Informática no Senai/Santa Cruz do Rio Pardo (2005 a 2007); Coordenadora de curso (2002 a 2003; 2007 a 2009) e Coordenadora pedagógica (2009 a 2017), ambos na Etec Prof. Pedro Leme Brisolla Sobrinho. Desde 2019, é Coordenadora de curso na Etec Orlando Quagliato. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa- Preservação dos Bens Culturais: História, Memória, Identidade e Educação Patrimonial – Universidade Estadual do Norte Pioneiro, desde 2021.

Anexos (esses documentos são sigilosos e não ficarão abertos online ao público):

Termo de Cessão dos Direitos Autorais de Cristiano Pereira Tavares.

Termo de Autorização para uso de Imagem de Cristiano Pereira Tavares.